

Susto de Polichinelo

A democracia brasileira viveu um grande momento no último dia 15. Mas há quem ainda não se tenha dado conta do que realmente aconteceu.

Circunstância surrealista, por exemplo, é ver as cúpulas dos grandes partidos se comportarem como generais de uma batalha que tivessem vencido — o que não foi exatamente o caso. Fala-se em grandes convenções destinadas a *orientar* o eleitor o eleitor que passou longe dessas fortalezas feudais. Articula-se a oferta de *apoio* como se este fosse um argumento decisivo para o destino do segundo turno.

Fora dos partidos, também há quem não perceba as dimensões do que de fato ocorreu. A fantástica demonstração de independência do eleitor é tratada como pouco mais que um capricho. Entidades representativas articulam-se, engatilham advertências, franzem o sobrolho.

O sentimento difuso que emana de tudo isso só pode ser chamado de medo. Definidos os dois adversários para a etapa final, há a tendência de desvalorizar previamente o resultado das urnas, e de ver neste ou naquele finalista a personificação do desastre.

Antes que esses maus juízos se transformem em epidemia, sobrecarregando desnecessariamente a atmosfera para o 17 de dezembro, é bom lembrar que ainda não houve caso de ditadura do proletariado instalada pelo voto popular, e que, ao que se saiba, não existe nenhum partido nazista brasileiro ou ideologia que aponte nessa direção.

Da parte dos candidatos, há muito ainda a ser explicado, na medida que a fuzilaria indiscrimina-

da do primeiro turno não se prestava a maiores vãos elucidativos. Para isto é que existe o segundo turno; e, no confronto de duas personalidades, será mais fácil traçar o perfil psicológico de cada uma delas.

Já se sabe, por antiquíssima experiência, que o povo brasileiro não é dado a radicalismos, e nem revela atração por esta ou aquela cartilha ideológica. Pode haver falta de idéias; mas também há de ideologia, o que garante que o candidato afinal vitorioso não chegará ao palácio do Planalto empunhando uma fórmula mágica de aplicação imediata. Se algum deles tivesse essa ilusão, acabaria de perdê-la ao conhecer o estado real da União serviço que se dispõe a prestar o ministro da Fazenda.

Mesmo na hipótese de que a ilusão sobrevivesse a todos esses escolhos, esbarraria, em última instância, num Congresso que foi eleito há três anos e que é o principal remanescente da página política que acaba de ser virada. Este Congresso vai ser maciçamente renovada ao final do próximo ano; e, antes disso, vai ter de dar conta da legitimidade de um presidente eleito em escrutínio duplo. Mas isto não impede que a Constituição cerque de restrições até excessivas o cargo atual de presidente da República.

Por tudo isso, o pânico prévio em relação a um processo eleitoral que começou tão bem, arquivando uma legião de fantasmas, significa uma falta de consideração e até ingratidão para com tudo o que está acontecendo de positivo, hoje, na vida política brasileira.